

GRUPO CORPO



[2022]

coreografia: Rodrigo Pederneiras

música: Gilberto Gil

cenografia
e iluminação: Paulo Pederneiras

figurino: Freusa Zechmeister

A trilha, especialmente criada por um dos papas da música popular brasileira, Gilberto Gil, chegou às mãos de Paulo e Rodrigo Pederneiras em 2019. E ganhou sua primeira tradução cênica - GIL. Três anos depois – com a pandemia do Covid-19 no meio -, a música voltou ao palco em uma nova encarnação, no espírito de renovar, reconstruir, rever, reviver. Refazer. “Não é somente uma nova coreografia: é um novo espetáculo”, vai mais longe o diretor artístico da companhia, Paulo Pederneiras. O nome ganhou o aposto: GIL REFAZENDO. Assim como a música de Gilberto Gil, que se ergue na releitura de temas do compositor baiano que o Brasil conhece de cor, o balé foi reconstruído. Inteiro.

Além da oportunidade de homenagear Gil nos seus 80 anos, em 2022, a decisão de partir do zero foi reforçada pela transformação radical que o mundo viveu nesse período - e o Brasil em particular. “Embarcamos na ideia de um renascimento, de um refazer, replantar, reconstruir”, continua Paulo. “Gilberto Gil, com sua metafísica, suas ideias e a fundamental militância em prol do meio-ambiente se tornou uma perfeita tradução da necessidade de reconstruirmos o que foi arrasado, pôr de pé novamente o que desandou”.

A trilha conduz um espetáculo de alta intensidade. “A música é como um rio caudaloso, de correnteza forte”, avalia o coreógrafo Rodrigo Pederneiras. “Entrei nessa dinâmica, com grupos grandes em cena, em vez da prevalência de duos e trios. E não há chão - é uma energia que sobe”. Mesmo no final, em que a música foge do habitual encaminamento para um ápice e opta por um ralentando, a força dos movimentos “puxa para o alto”, descreve Rodrigo. Uma única e deliciosa exceção permaneceu na coreografia renovada: o samba da Mari – solo da bailarina Mariana do Rosário na releitura de Aquele Abraço.

A cenografia se apoia numa imagem de fundo em milimétrico movimento. “São imagens em zoom de girassóis que lentamente voltam à vida”, conta Paulo Pederneiras. “Gravamos por 15 dias ininterruptos a transformação das flores vivas em plantas murchas, encerradas num local fechado; na projeção do palco, invertemos o processo. O público acompanha, a princípio sem perceber e no final de maneira explícita, a vida que retorna”. Vestidos de linho em tom cru – moças de camisa sobre uma malha de duas peças, rapazes de calça e camisa de corte casual - os bailarinos dançam sob a luz “branca e simples”, diz Paulo.

Aquele Abraço, Realce, Tempo Rei, Andar com Fé, Toda Menina Baiana, Sítio do Pica-Pau Amarelo, Raça Humana: na trilha de 38 minutos, surgem frases e temas de canções de Gilberto Gil - retrabalhadas, mas perfeitamente reconhecíveis nas suas variações. O arco traz quatro temáticas, ou quatro ambientes musicais, na definição do próprio compositor: um choro instrumental; uma abordagem camerística (com inspiração “em Brahms ou Satie”, aponta ele); um terceiro momento de liberdade improvisadora e, finalmente, uma construção abstrata baseada em figuras

geométricas. “Círculo, triângulo, retângulo, pentágono, a volta ao círculo e finalmente a dissolução numa linha reta”, explica Gilberto Gil.

Nos arranjos, se alternam os tambores ancestrais e as distorções do aparato eletrônico; o afoxé e o naipe de sopros de pegada jazzística; a modinha e o berimbau. As citações bailam entre si, entrecruzando-se e dialogando enquanto o arco da trilha avança. “O fechamento da trilha traz ainda um poema concreto recitado por Gil, onde as cinco letras de CORPO se desdobram em CRAVO, CEDRO, FLORA, PALCO, PERNA, BRAÇO, PEDRA. “Ouvindo o resultado final, percebo que há muitos elementos da minha dimensão rítmica mesmo, elementos da Bahia, da música afro-baiana”, conclui o compositor.